

## BOI-DE-MAMÃO NO LITORAL PARANAENSE: QUE TRADIÇÃO É ESSA?

Beatriz Helena Furlanetto<sup>1</sup>  
bia@sulbbs.com.br

### Resumo

Este trabalho investiga o folguedo do boi-de-mamão no litoral do Paraná. A partir da análise documental e bibliográfica percebeu-se que, apesar de presente há décadas entre as manifestações folclóricas nos municípios de Antonina, Guaratuba e Paranaguá, o boi-de-mamão é pouco conhecido entre os paranaenses. Ainda não foi possível identificar as representações sociais que mobilizam esse folguedo e as causas de sua pouca visibilidade, mas as primeiras aproximações com o objeto de pesquisa revelam sua riqueza cultural e podem contribuir para o reavivamento dessa tradição paranaense.

Palavras-chave: Arte; Boi-de-mamão; Folclore brasileiro.

### Abstract

This work investigates the cultural celebration of *boi-de-mamão* in Paraná's coast. From bibliographical and documentary analysis we noticed that, although present for many decades among folklore manifestations in Antonina, Guaratuba and Paranaguá (cost cities of Paraná State), Paraná's population in general does not know the *boi-de-mamão*. Still it was not possible to identify the social representations that mobilize this party and the causes of its little visibility, but the first approaches to the research object disclose its great cultural value and may contribute to the revival of this tradition.

Keywords: Art; *Boi-de-mamão*; Brazilian folklore.

### INTRODUÇÃO

O bumba-meu-boi, uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro, é conhecido como boi-de-mamão nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Para Meyer (1993), o espetáculo do boi é um folguedo<sup>2</sup> popular. Mário de Andrade (1959) classifica-o como dança dramática brasileira, relacionando-o ao Reisado<sup>3</sup>. Também no *Dicionário Grove* (1994, p.145), o bumba-meu-boi é definido como uma “dança dramática difundida por todo o Brasil. Parece ter surgido no Nordeste no final do século XVIII, ocupando lugar de destaque entre as outras formas de Reisado”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora, pianista e professora assistente da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

<sup>2</sup> Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil.

<sup>3</sup> Reisado é uma “encenação com canto e dança para comemorar o dia de Reis, em quase todas as regiões do Brasil”, de acordo com o *Dicionário Grove* (1994, p. 775).

Embora conflitem na tentativa de situar a origem e indicar pontos de ligação entre as diferentes manifestações em torno do boi, como animal vivo ou figuração, objeto de culto ou de folgar e o seu relacionamento com o Bumba-meu-boi, os estudiosos do folclore brasileiro concordam geralmente em um ponto: como existe no Brasil o auto é de formação nacional, obra do negro ou do mestiço, tendo recebido contribuição posterior das três principais raças formadoras do povo brasileiro. Sabemos da existência de jogos com boi de imitação em outros povos, mas sem a teatralidade do folguedo brasileiro. O conjunto de cantos, danças, músicas específicas e, sobretudo, entrecos dramáticos em torno do boi, característicos do nosso auto, não é registrado em parte alguma (PIMENTEL, 2004, p. 69).

Ao longo do território nacional, o folguedo do boi apresenta diferentes denominações, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, adereços, personagens, instrumentos, temas e narrativas. No Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi-de-reis, boi-surubim ou boi-zumbi; em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Cabo Frio e Macaé é bumba ou folguedo-do-boi; no Espírito Santo é boi-de-reis, entre outras denominações.

O espetáculo constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. A temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda, que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em redor do boi, em uma enorme festa para comemorar o milagre.

No sul do país, o auto do boi é muito apreciado na ilha de Santa Catarina, de onde parece ter migrado para o Paraná.

No litoral paranaense foram encontrados, inicialmente, quatro grupos de boi: dois em Antonina, um em Morretes e um em Paranaguá. Cada grupo apresenta determinados personagens e conta uma narrativa que parece revelar atributos culturais locais. Os grupos de boi de Antonina foram criados na década de 1920. Entretanto, mesmo com quase cem anos de existência, muitos paranaenses não conhecem o boi-de-mamão. Então, que tradição é essa?

A partir da análise documental<sup>4</sup> e bibliográfica, buscou-se investigar as origens e as representações sociais do boi-de-mamão no litoral do Paraná. As primeiras aproximações com o campo de pesquisa demonstram a riqueza dessa manifestação folclórica, mas o folguedo do boi parece pouco visível para a população paranaense.

---

<sup>4</sup> O documento, nesta pesquisa, é entendido como “qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais etc., contida em um suporte material (papel, madeira, tecido, pedra), fixados por técnicas especiais como impressão, gravação, pintura, incrustação etc. Quaisquer informações orais (diálogo, exposições, aula, reportagens faladas) tornam-se documentos quando transcritas em suporte material” (CHIZZOTTI, 2003, p. 109).

## **BOI-DE-MAMÃO PARANAENSE: POSSÍVEIS ORIGENS**

O boi-de-mamão, aparentemente, é uma prática social com pouca visibilidade no estado do Paraná: uma pequena parte da população mantém viva essa tradição cultural e poucos paranaenses conhecem o folguedo. Parece haver pouca literatura sobre o assunto, tendo sido identificados alguns grupos folclóricos que brincam com o boi durante as comemorações de festas religiosas e carnavalescas, no litoral do estado.

Os grupos de boi localizados, inicialmente, no litoral paranaense foram: Boi-de-Mamão do Grupo Mundicuéra, composto por jovens de Paranaguá e dirigido por Aorélio Domingues; Boi-de-Mamão do grupo folclórico de Guaratuba, mantido por Nelson Tobler; e, em Antonina, verificaram-se dois grupos: o Boi do Norte, coordenado por Maria Rosa Mendes, e o Boi Barroso, sob a direção de Elisabeth Carraro e Vera Lúcia Nascimento.

Em conversas informais com os dirigentes desses grupos de boi, percebeu-se que o boi-de-mamão é tido como uma brincadeira, trazida por catarinenses que vieram morar no litoral do Paraná.

O grupo do Boi Barroso foi fundado em 1920, quando o Sr. Luiz Pedro Bedenaque, vindo de Blumenau, Santa Catarina, implantou o folguedo do boi como um bloco carnavalesco de Antonina. O sucesso foi total, mas, em virtude de alguns desentendimentos, o Sr. Bedenaque fundou, em 1922, outro bloco local denominado Boi do Norte. Aparentemente, há uma competição velada entre os grupos, sendo atribuído o adjetivo de “boi pobre” ao Boi do Norte e “boi rico” para o Boi Barroso.

O Boi de Guaratuba foi constituído aproximadamente na década de 1960, quando o pai e alguns tios de Nelson Tobler, imigrantes de Santa Catarina, vieram residir no litoral paranaense. Apesar das dificuldades financeiras, a família continua mantendo viva essa tradição.

O Grupo Mundicuéra foi formado em 2003 e realiza um trabalho de recriação de manifestações culturais tradicionais no município de Paranaguá, como fandango, pau-de-fita, boi-de-mamão, terço cantado e romaria do Divino Espírito Santo. O objetivo do grupo é manter presente a tradição folclórica entre a população jovem, resgatando a sabedoria dos mais velhos e fomentando o reavivamento da cultura local.

Os Bois foram comuns no Paraná, e recentes ainda nas cidades da Lapa e Castro. Nesta última, chamava-se Boi-de-Taquara. Em Paranaguá, os carnavais contavam com o Boi-do-Sul, atuante ainda ao redor de 1930. O Boi-de-Mamão, trazido de Santa Catarina, foi descrito, em 1953, por Azevedo, na Colônia Maria Luísa, de Paranaguá, mas dele não ficaram evidências. Os Bois aparecem reavivados por crianças, esparsamente, na época do carnaval. Vimos esses Bois em Matinhos e Antonina, cidades do litoral paranaense. Pesquisas assinalaram um Boi-de-Laranja, em Campina da Lagoa. O Boi-do-Norte, de Antonina é, porém, o único que sobrevive (RODERJAN, 1981, p. 38).

Percebe-se, portanto, que os grupos de boi do litoral paranaense foram formados por catarinenses que passaram a residir no estado do Paraná.

Há registro da existência do boi-de-mamão na ilha de Santa Catarina em 1871, na obra *Águas passadas*, de José Boiteux, segundo Soares (1978). Porém, o autor questiona o surgimento do folguedo na Ilha, pois podem ter ocorrido apresentações anteriores que não foram informadas pela imprensa da época, e levanta a hipótese de atribuir aos nordestinos ou aos portugueses a transposição do folguedo do boi para o Estado catarinense.

Câmara Cascudo (1954) afirma que houve na Espanha e Portugal os touros fingidos, feitos de vime, bambu, arcabouço de madeira frágil e leve, recoberto de pano, animado por um homem no seu bojo. O autor esclarece, ainda, que uma das mais antigas citações do boi foi encontrada no periódico *O Carapuceiro*, do padre Lopes Gama, em 11 de janeiro de 1840, em Recife, já denominado bumba-meu-boi.

A origem do auto do bumba-meu-boi, segundo Marques (1999), remonta ao Ciclo do Gado no século XVIII, resultante das relações desiguais que existiam entre os escravos e os senhores nas casas grandes e senzalas, refletindo as condições sociais vividas pelos negros e índios.

O boi-de-mamão, para Piazza (1953), apareceu nas regiões catarinenses onde predominam os descendentes dos lusos.

Percebe-se, assim, a necessidade de mais investigações sobre o assunto para determinar como o folguedo chegou em Santa Catarina e, posteriormente, ao Estado paranaense.

O auto do boi, inicialmente, recebeu a denominação de boi-de-pau, depois boi-de-palha, boi-de-pano, boi-de-melão e finalmente boi-de-mamão. Essa designação foi atribuída porque, nas apresentações do folguedo, eram utilizados mamões verdes para a confecção da cabeça do boi.

O boi-de-mamão catarinense é uma brincadeira alegre, divertida e muito apreciada pela população. É possível encontrar o folguedo do boi até nas escolas públicas. Na ilha de Florianópolis foram identificados quinze grupos de boi que, além de manter a tradição cultural, se destacam, principalmente, como atração turística local. Entre os animais do auto, verificam-se: o boi, o cavalinho, o urubu, a cabra ou cabrinha, o carneiro, o tigre, o urso, a Bernunça (ou Bernúncia) e a Maricota – uma armação de madeira, com uns três metros de altura e fisionomia de mulher.

Os grupos de boi no Paraná, como no Estado catarinense, se localizam na região litorânea e as apresentações também destacam o aspecto cômico do folguedo, com personagens semelhantes. Entretanto, sua visibilidade é menor entre a população local e regional.

O folguedo do boi adquiriu (e continua adquirindo) inúmeras modificações locais por todo país, sendo possível encontrar narrativas diferentes em uma mesma região, como se verifica no boi-de-mamão do litoral paranaense: os personagens, o enredo, a música, a forma e o conteúdo apresentam variações sobre um mesmo tema – o drama da morte e ressurreição representado comicamente.

Como todo espetáculo popular, o auto do boi se renova em sua prática, enquanto expressão cultural. No cotidiano dos artistas populares, a riqueza do espaço vivido é contada e cantada nas múltiplas narrativas do folguedo, revelando a imaginação criadora dos atores sociais.

### **BOI-DE-MAMÃO: COMICIDADE, RELIGIOSIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

A comicidade do boi-de-mamão paranaense, aparentemente, oculta os aspectos religiosos que marcam o folguedo do boi. O tema da morte e ressurreição revela, por si só, uma dimensão simbólica do sagrado. A época de encenação do boi, que antigamente ia do Natal à festa de Reis, e hoje se estende até as comemorações carnavalescas, também sugere uma proximidade de sua relação com aspectos religiosos.

Várias danças dramáticas brasileiras – como o Bumba-meu-boi, os Caboclinhos, os Cordões de Bichos amazônicos, os Cucumbis e os Reisados – narram a morte e a ressurreição da entidade principal do bailado, com inspiração de fonte mágica e religiosa, tanto pagã como cristã. De acordo com Andrade (1959, p. 23): “se trata duma noção mística primitiva, encontrável nos ritos do culto vegetal e animal das estações do ano, e que culmina sublimemente espiritualizado na morte e ressurreição do Deus dos cristãos”. Porém, com o decorrer dos anos, a qualidade religiosa originária vai degradando aos poucos, sendo o interesse pelo cômico um dos elementos principais dessa degradação religiosa das criações populares teatrais.

Além do interesse pelo cômico, os interesses da luta pela vida desorientam violentamente o fundo religioso dos bailados, a ponto de alguns esse fundo já estar quase invisível. Aqui sim: o heroísmo, a coragem, os trabalhos cotidianos, a tradição profana, a pátria, a guerra, a história, concorrem vastamente com toda a sua simbólica, desorientando, confundindo, deformando, mascarando, dando mesmo a alguns bailados uma finalidade nova, que não sendo nunca falsa (o povo é falso nunca), não é mais a originária (ANDRADE, 1959, p. 25).

Para Borba Filho (1982), em seus princípios, o bumba-meu-boi era um reisado conclusivo sobre o boi da manjedoura de nascimento de Jesus Cristo. Pouco a pouco, outros reisados se juntaram a ele, anexando ao espetáculo as marcas de cada época. O boi, como animal quase sagrado, também se fundiu com o boi da região pastoril, ou seja, o

profano invadiu o folguedo – um fenômeno idêntico ao do teatro litúrgico medieval. Assim, o auto deixou de ser um espetáculo específico das relações do boi com Jesus e, embora guardando a tradição de ser representado durante o ciclo de Natal, perdeu o seu caráter religioso.

Para Ferreira e Silva (2008, p. 7), o auto do boi reflete a situação de confronto hierarquizado que se estabelece na estrutura social brasileira: “é o jogo das relações de poder, em que quem não tem os artifícios do mando, utiliza-se das artimanhas da astúcia para burlar a vigilância dos grupos dominantes”.

Ao discutir o bumba-meu-boi nordestino, Borba Filho (1982) refere-se à predominância dos negros, ressaltando a injustiça que reduz os afro-descendentes a um lugar inferior na hierarquia social brasileira. Assim, no folguedo do boi, os negros transformam sua dor em comicidade: no bumba, como atores que querem agradar o público, os negros convertem sua humildade em piadas.

Como dança dramática, o bumba-meu-boi adquire através dos tempos algumas características dos autos medievais, o que lhe dá o seu caráter de veículo de comunicação. Simples, emocional, direto, linguagem oral, narrativa clara e uma ampla identificação por parte do público, tomando semelhanças com a comédia satírica ou tragicomédia pela estrutura dramática dos seus personagens alegóricos, os incidentes cômicos e contextuais, a gravidade dos conflitos e o desenlace quase sempre alegre, que funciona como um processo catártico (MARQUES, 1999, p. 1).

No folguedo do boi nordestino, portanto, a comicidade se mostra como uma forma de libertação. Nesse sentido, a brincadeira do boi-de-mamão paranaense também funcionaria como uma catarse? Quais seriam os conflitos sociais esvaecidos nos risos?

Se o auto do bumba-meu-boi reflete a capacidade de satirização dos grupos subalternizados em relação aos seus dominadores, parece representar, ainda, um esforço do homem para resolver as contradições que encontra na vida.

Entre as antinomias da experiência humana, vida e morte é o dilema mais doloroso e fundamental para os homens, de acordo com Tuan (1980, p. 19): “os mitos, lendas e contos folclóricos das mais diferentes partes do mundo têm sido interpretados como tentativas diversas para tornar a morte inteligível e aceitável”. No mito, é possível imaginar um estado no qual uma pessoa morta continua a viver ou pode retornar à vida.

Nesse sentido, o auto do boi representa o ciclo da continuidade, pois o boi morre para ressuscitar todo ano: um enredo que parece transfigurar a morte em alívio e esperança, uma circularidade na qual vida e morte se encontram no milagre da ressurreição, e o boi se reveste de um caráter sobrenatural – o encontro do sagrado com o profano.

Embora o bumba-meu-boi seja classificado como folguedo profano, sua relação com os santos católicos é bastante conhecida. No Maranhão, por exemplo, a festa é quase uma forma de oração, é compromisso sagrado com São João, pois muitos grupos de boi

nasceram de uma promessa feita por seus fundadores, em momento de aflição, ao glorioso santo. Em São Luiz do Maranhão, a religiosidade se expressa nas imagens de São João, São Pedro, São Marçal e Santo Antonio fixadas em destaque nos arraiais, nos santuários e altares, nas barracas e tabuleiros com o nome dos santos, nas letras das toadas dos cantadores.

Considerado um elemento do culto da força e da virilidade, o boi era venerado pelos povos primitivos, como símbolo de trabalho e de fertilidade: “Os egípcios – que o denominavam Ápis – adoravam-no em louvor de Osíris, deus do sol, pela faculdade de fertilizar a terra... Os gregos ofereciam-nos, como prenda coletiva, nas festas matrimoniais, porque consideravam símbolo dos árduos trabalhos que adviriam para os nubentes” (FLORES, 1997, p.167). O boi era um animal sagrado na Grécia, símbolo de bondade, de calma e de força tranquila, ligado à agricultura e à aração, afirma Ronecker (1997).

Ao referir-se à decorativa armação do boi como o centro de interesse do bumba-meu-boi, Cascudo (1954) discute a possibilidade de uma simbologia religiosa, no plano totêmico, uma herança da zoolatria pretérita.

O boi Ápis, a vaca Ísis, o touro Mnéris, o bode Mendes, o crocodilo Moéris, o leão de Leontópolis, foram exibidos processionalmente no Egito, fonte irradiante para África e Ásia. Como ritos de germinação, ainda ligados aos poderosos cultos agrários, vive, num e noutro ponto do continente africano, os desfiles com o boi, antes da época das sementeiras, seguido de canto e dança mas sem a participação do animal (CASCUDO, 1954, p. 126).

A figura principal do boi-de-mamão é, verdadeiramente, o boi, mas aparecem outros personagens, além dos cantadores e músicos.

No boi-de-mamão da Colônia de Maria Luísa, no litoral paranaense, Azevedo (1963) identificou os seguintes personagens: o Vaqueiro, o Brincador, o Pai Mateus, o Cavaleiro, o Doutor, o Boi, o Barão, a Bernunça, o Velho, a Velha, o Cavalinho, o Carneiro e a Mariola. Já em uma apresentação de boi realizada em Paranaguá, no ano de 1948, o autor observou as figuras do Cacique, o Porta-Estandarte ou Balisa (que dançava à frente do bloco segurando o estandarte), o Caveira, o Boi, o Toureiro, o Boiadeiro, dois Chefes (dirigentes do cordão), dois Pontas (que dirigiam as danças, puxando os cordões) e dois cordões em filas indianas.

“A Dança do Pau-de-Fita e a Dança das Balainhas estão integradas dentro do Boi-de-Mamão, como uma introdução que abre o folguedo antes da presença do Boi”, e “os participantes são sempre gente de condição social modesta. Em Maria Luísa são todos lavradores. Em Paranaguá, estivadores e operários em geral”, afirma Azevedo (1963, p. 113). Para esse autor, o boi é uma tradição dos colonos catarinenses no Paraná, e “os instrumentistas são três: violão, cavaquinho e pandeiro. O auto se divide em cenas, cada

qual com sua música própria, sua letra e seu bicho central. As cenas são: do Boi, do Barão, da Bernunça, do Carneiro e da Mariola” (AZEVEDO, 1963, p. 115).

Semelhante ao folguedo catarinense, o boi-de-mamão no Paraná é constituído de cenas, onde são apresentados personagens e animais fantásticos, anunciados pelos cantadores. O personagem mais popular, aparentemente, é a Bernunça (ou Bernúncia), um animal que “engole” as crianças.

Atualmente, no litoral paranaense, a dramatização do boi parece ocorrer com mais frequência em meio às comemorações de festas populares tradicionais, como a Festa do Divino e o Carnaval: os brincantes – em geral músicos, bailantes, cantadores, cômicos, aos quais podem se juntar outros – se organizam, cantam, dançam e representam tramas em torno de um boi – armação de madeira coberta por tecido bordado (couro do boi) sob a qual um “miolo”<sup>5</sup> faz evoluções, dando vida ao personagem.

O grupo de Paranaguá inicia o auto do boi com a dança do Pau-de-Fita e a Dança das Balainhas. Na narrativa, não é o boi que morre e ressuscita, mas o pai Mateus, que leva uma chifrada do boi e é depois reavivado pelo Doutor Girão. A narrativa do boi conta um episódio histórico ocorrido no município. O grupo faz constantes releituras do auto, com o objetivo de manter a tradição viva e próxima dos jovens participantes. Assim, os personagens são escolhidos pelo grupo: recentemente, o personagem do urso, por exemplo, foi tirado da narrativa, pois o grupo não via mais sentido em manter esse animal nas apresentações.

O grupo de Guaratuba brinca com os seguintes personagens: o barão, a Catirina ou Catarina (que não é um homem vestido de mulher, mas a fêmea do barão, um animal semelhante a um jacaré, como o barão), a onça, o cavaleiro, o doutor, além dos cantadores e músicos. Esse grupo mantém a tradição do boi desde a década de 1960, apresentando poucas mudanças na apresentação do folguedo.

Em Antonina, os grupos do Boi Barroso e Boi do Norte constituem-se como blocos carnavalescos que realizam suas encenações nas ruas, durante os desfiles do carnaval, e os principais personagens são o boi, o cavalinho, o médico, o enfermeiro, o toureiro e uma espécie de pássaro chamado Nanico, que foi verificado apenas nesta localidade.

Os instrumentos mais utilizados no boi-de-mamão paranaense, aparentemente, são os chocalhos, reco-recos, tambores, surdos, pandeiros e rabecas. Entre as toadas e cantorias, percebe-se a presença de melodias folclóricas nacionais e a riqueza rítmica que caracteriza a música brasileira.

Cada grupo de boi apresenta determinados personagens e conta uma narrativa diferente, através de diálogos geralmente improvisados durante as apresentações. O critério

---

<sup>5</sup> “Miolo” significa a pessoa que fica dentro da armação do boi.



de seleção dos personagens, a composição das toadas, bem como as histórias de cada grupo de boi, refletem os atributos culturais de cada comunidade, revelando os valores compartilhados socialmente em cada região – uma riqueza que, certamente, merece maiores investigações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O símbolo do boi aparece entre as expressões populares mais difundidas no Brasil, como as histórias de bois encantados, as melodias folclóricas, as danças e brincadeiras de boi: de norte a sul do país encontramos festejos envolvendo a figura deste animal em representações musicais e dramáticas exuberantes, contagiantes por sua beleza.

Percebe-se que a riqueza do folguedo do boi pode ser apreendida sob vários olhares: a questão do sagrado implícito no profano, o escárnio que acomoda e/ou denuncia o conflito social, a brincadeira que irradia alegria, a beleza que desperta o encantamento, o riso que provoca a catarse e a libertação.

Nesse sentido, uma investigação mais minuciosa sobre o boi-de-mamão paranaense pode revelar os múltiplos significados dessa tradição e contribuir para a compreensão das representações construídas por um grupo de paranaenses que age e interage no espaço litorâneo do estado, modelando-o em função dos seus valores e práticas culturais.

## Referências

- ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. v. 1. São Paulo: Livraria Martins, 1959.
- AZEVEDO, Fernando Corrêa de. O Boi-de-Mamão no litoral paranaense. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, ano 3, n. 6, p. 113-124, 1963.
- BORBA FILHO, Hermilo. *Apresentação do Bumba-meu boi*. 2. ed. Recife: Guararapes, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA. Edição concisa. Stanley Sadie (Ed.) Trad.: Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERREIRA, Carla George Silva; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Festejar com fé: o bumba-meu-boi maranhense uma cumplicidade com São João*. V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Salvador: 2008. Disponível em: <[www.revistabrasileiradocaribe.org/CarlaFerreiraCarlosSilva](http://www.revistabrasileiradocaribe.org/CarlaFerreiraCarlosSilva)>. Acesso em: 7 jun. 2009.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- MARQUES, Francisca Ester de Sá. *Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi*. São Luís: Imprensa Universitária, 1999. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes>>. Acesso em: 7 jun. 2009.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

PIAZZA, Walter F. *Aspectos folclóricos catarinenses*. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PIMENTEL, Altimar de Alencar. *Boi de Reis*. João Pessoa: FIC, Governo da Paraíba, 2004.

RODERJAN, Roselis. *Folclore Brasileiro – Paraná*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

RONECKER, Jean-Paul. *O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.

SOARES, Doralécio. Boi-de-mamão catarinense. *Cadernos de Folclore*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, n. 27, 1978.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.